

O BATISMO DOS QUEIXADAS

Marins Godói

Introdução

O presente texto surge a partir da reflexão das impossibilidades e obstáculos em ter e reunir os remanescentes dos Queixadas e parentescos num evento balizador e revestido da forte representação que lhe é devida.

Levar os Queixadas a representar sua própria história num palco (ao meu ver) seria querer e desejar demais de “sujeitos históricos”, que já deram seu contributo ao patrimônio cultural, histórico, político, antropológico,etc., para Perus, São Paulo e ao Brasil.

O texto é um poema dividido em 13 versos e que bem pode ser incrementado e sofisticado, bem como pode ser suprimido ou acrescentado conforme aprouve o princípio de discussão e criação coletiva.

É dedicado aos velhos e novos Queixadas, como também a toda forma de luta e resistência contra todo tipo de poder que venha transformar o sujeito em apenas operário do cimento.

Que procura fértil solo
Para produzir e reproduzir
Lindas fábulas, causos e heróicos feitos
Tradição e oração
Pão e guarnição
Fraternidade, solidariedade e ação.

V – Nessa terra de muita luta
Onde quem faz mel não desfruta
Quem corta a cana não toma o caldo
Quem trabalha a terra só se ferra e se caleja.

VI - Nessa terra
Onde se enterra a Alma
Em prol ao lazer do Patrão
à impunidade e lambança do Mensalão
Ficarão os capitalistas glutões
Com cimento, ferro e milhão

Todavia
Nós herdeiros verdadeiros
Dessa história que não se cala
Mesmo que se chibate nossa fala
Nós iremos para outros mares
Outros lugares
E ainda que “o mar vire sertão
E o sertão vire mar”
As raízes matrizes
Dos Queixadas, seus netos e bisnetos
Parentescos e camaradagens
Cantarão e contarão
Esse drama que o poder dos engravatados
Teimam em ver o enredo queimado.

VII – Tudo passa
Tudo vai
Tudo esvoaça
E se dissolve
O vento e o tempo
Ossos e bagaços
Espaços e estilhaços
Porém, a memória
De trabalhadores que fizeram a história
Aqui hoje é recontada
Refeita e ritualizada
Para que jamais seja ignorada.

VIII -O mundo mudou
E o que tinha sentido
Desandou...
De repente!
Ficamos sem chão
E a tão esperada revolução
Quase nada mudou
Porém, acirrou
E ainda suplantou
O sonho por liberdade
Igualdade e socialização
Desembocando na globalização.

IX – E como uma enxurrada de madrugada
Ficamos órfãos
E todas aquelas promessas
De um novo mundo
Foi abismo abaixo
Empurrado
Com a força
De um vendaval de ilusão.

X - A globalização coroou a tecnologia
A tecnologia por sua vez
Concretizou
E fez o parto
E o advento
Do “Admirável mundo novo”
E nos quatro cantos o mundo inteiro gritou
Viva a eletrônica informática aldeia global

XI - De repente!...
O que era verdade se evaporou
O que era redenção se esfumou
E a maioria de joelhos em louvação
A objetos micros e macros de prazer e ficção
Congelaram a história, a memória e a emoção

XI - Quanto a nós “quilombolas urbanos”
Berrando e se angustiando
Com atos desumanos
Lutamos obstinados
Pela estrela da manhã
Pela nova aurora de cantos ensolarados.

XII – Existe algo aqui e agora
Que nos toca e nos acalenta
A nos impulsionar nossos passos
A reforçar nossos laços
Para abolir todas as fronteiras
Para quebrar todas as correntes
E semear todas as sementes.

XIII- E dessas sementes
Nasçam flores, frutos e uma nova seiva
Que cure a dor do guerreiro

X - A globalização coroou a tecnologia
A tecnologia por sua vez
Concretizou
E fez o parto
E o advento
Do “Admirável mundo novo”
E nos quatro cantos o mundo inteiro gritou
Viva a eletrônica informática aldeia global

XI - De repente!...
O que era verdade se evaporou
O que era redenção se esfumou
E a maioria de joelhos em louvação
A objetos micros e macros de prazer e ficção
Congelaram a história, a memória e a emoção

XI - Quanto a nós “quilombolas urbanos”
Berrando e se angustiando
Com atos desumanos
Lutamos obstinados
Pela estrela da manhã
Pela nova aurora de cantos ensolarados.

XII – Existe algo aqui e agora
Que nos toca e nos acalenta
A nos impulsionar nossos passos
A reforçar nossos laços
Para abolir todas as fronteiras
Para quebrar todas as correntes
E semear todas as sementes.

XIII- E dessas sementes
Nasçam flores, frutos e uma nova seiva
Que cure a dor do guerreiro

Que fertilize o terreiro inteiro
Que faça ninar a criança abandonada
Que entoe num só “canto banto”
A injustiça antiga dos povos arrancados
De sua terra
Do seu seio
Do seu esteio
E definitivamente
O exemplo e os valores
De Queixadas envelhecidos

Nos traga uma nova inspiração
Uma nova união
Uma revigorante poção
De esperança
Um novo ritmo de dança
Umã incontível perseverança
Avante irmãos!...
É hora de festejar.

Texto concluído a partir de novas
proposições e sugestões de Valmir e
Andréia.

Perus-SP, 13-09-12

Marins Godói